

DOCÊNCIA DO ENSINO DE ANTROPOLOGIA: UM NOVO OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS EDUCACIONAIS

Adelcio Machado Santos¹

RESUMO: A Antropologia, por contemplar a análise das peculiaridades culturais e sociais dos indivíduos, além de estudar com maior ênfase a sociedade onde ele está inserido, levanta a necessidade de reformular suas teses e percepções sobre o modo do ensino em sua área. Assim, realizou-se uma revisão sistemática da literatura na base de dados *Scientific Electronic Libray Online* (SciELO). Os resultados estão apresentados em três categorias: A ciência da Antropologia; Práticas educacionais; Docência do ensino de antropologia: um novo olhar sobre as práticas educacionais. Os profissionais da área da Antropologia vêm enfrentando desafios na área da educação, sob o olhar das novas práticas educacionais. Conclui-se que a educação está influenciada pela globalização, apresentando efeitos diários e diretos na vida dos cidadãos e nas unidades de ensino, fazendo com que as escolas se abram para novos caminhos, debates e discussão em suas práticas.

PALAVRAS-CHAVE: Docência; Antropologia; Práticas educacionais.

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço de aprendizagem que pode contribuir no processo de formação de sujeitos críticos e autônomos, condição está para se tornar cidadão. O conhecimento é fruto da atividade consciente do pensamento que define a natureza social do ser humano, mantendo-se, no contexto, a sua história e a sua cultura.

O homem é conhecido pelas suas imensas criações e a capacidade infinita de criatividade. Ele não se limita ficar apenas no mundo natural, precisa de constantes aperfeiçoamentos, criando e recriando o seu próprio estilo, seu formato e suas marcas culturais. (HABOWSKY; CONTE, 2020). Tais inovações traduzem novos conceitos e significados importantes para toda a coletividade.

Ao longo do tempo, o processo de mudança cultural e social permeia novos caminhos e traça novos formatos para a sociedade, determinando novos processos de ensino e aprendizagem. (CUNHA JUNIOR, 2020). Estejam eles no âmbito da empresa, do processo familiar, da escola e da própria religião, esse novo modelo de organização transcende mutações de natureza comportamental,

¹Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-Doutor em Gestão do Conhecimento pela UFSC. Docente, pesquisador e orientador no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade da Universidade Alto Vale Rio do Peixe (Uniarp). Advogado (OAB/SC nº 4912). <https://orcid.org.0000-0003396-972X> E-mail: adelciomachado@gmail.com

institucional e pessoal.

A partir desse novo movimento organizacional, é preciso repensar a estrutura social, cultural, educacional, econômica e política que os indivíduos necessitam para sustentar e a necessidade de construir novas bases sólidas, com mudanças precisas em seus hábitos e costumes, a fim de se adaptar-se ao novo formato social e garantir a sua própria sobrevivência. (CUNHA JUNIOR, 2020).

A educação vem construindo seus laços na medida em que é estimulada pela construção social, permeando ações fomentadas num constante processo de interatividade e troca, onde, todo o conhecimento transmitido na formação educacional, tem por base concreta, a relação que há entre homem e sociedade. (MAZZONETO *et al.*, 2017).

As construções estão atestadas na centralidade da cultura, como base para a análise de cada momento histórico, de cada povo e de cada espaço e tempo. A educação exerce, também, em especial, a função de controle social, visto ter o poder de ajustar os educandos aos padrões culturais e sociais vigentes, tornando-os efetivos integrantes da sociedade. (MIRA *et al.*, 2021).

A área da Antropologia, que vai ao encontro das análises investigativas da estrutura de vida e das relações sociais, na sua origem e nas características peculiares de cada indivíduo e sociedade, fornece ferramentas necessárias para a compreensão de forma mais ampla e real dos diversos aspectos da vida social em diferentes culturas e/ou sociedades. (FERRAZ, 2019).

Não obstante, a Antropologia apresenta o retrato sociocultural de uma sociedade, sua composição, impasses, entre as funções sociais e culturais em um determinado agrupamento. (FERRAZ, 2019).

Ademais, é por meio das diferenças culturais que se manifestam intensamente no interior de cada sociedade, e, é por isso, que a Antropologia tem um papel inquestionável no processo de mudança paradigmática, ganhando espaço importante para os fundamentos da educação, ampliando o campo a ser investigado, notadamente no diálogo entre cultura, educação e formação de sujeitos.

A justificativa do estudo, apresenta como indagação: Como as práticas educacionais contribuem na docência do ensino da Antropologia?

Diante das reflexões e do questionamento, o objetivo do estudo é identificar as práticas educacionais no ensino da Antropologia. Para tanto, escolheu-se realizar um estudo de revisão sistemática da literatura, realizando um caminho pré-definido: entrada, processamento e saída, buscando ampliar o conhecimento sobre o assunto. (CONFORTO; SILVA, 2011). Para busca, estabeleceu-se levantar artigos publicados na íntegra, a base de dados *Scientific Eletronic Libray Online* (SciELO), foram

utilizados os seguintes descritores: Antropologia, educação, ensino. A partir da busca no SciELO, encontrou-se 47 artigos relacionados ao assunto, mas apenas 04 artigos atendem ao objetivo da pesquisa.

Os resultados estão apresentados em três categorias: A ciência da Antropologia; Práticas educacionais; Docência do ensino de Antropologia: um novo olhar sobre as práticas educacionais.

1. O ENSINO DA ANTROPOLOGIA

Na atual sociedade, a preocupação com determinados valores e processos sociais vem se fortalecendo e fomentando novos conceitos e formatos corporativos. Por estar os indivíduos mais observadores e críticos, buscam, dentre os seus objetivos, a construção de uma base sólida, transformadora das desigualdades e conscientes de seus princípios.

Um dos pilares para essas mudanças sociais, é o processo da globalização que vem se mostrando cada vez mais forte e efetivo, onde, a partir do momento em que os indivíduos passam a conversar mais, trocam experiências entre diversas culturas, conseqüentemente, influenciando nas demandas sociais em diversas áreas do contexto social. (CUNHA; AUGUSTIN, 2014).

Todas estas experiências vivenciadas, tornam mais eficiente a criação de novas ideias voltados ao crescimento social e cultural. Busca-se, então, a partir da perspectiva de um novo contexto, a implementação de novos padrões, estejam eles direcionados aos aspectos comportamentais, culturais, sociais e ambientais. (LOTTA, 2019).

Segundo Pautasso; Fernandes, (2017) a globalização trouxe grandes transformações culturais e de identidade dos indivíduos nas mais diversas sociedades do planeta. Diante da consciência crescente que todos nós fazemos parte do mesmo sistema, também abraçamos as suas diversidades.

Uma coisa não se pode negar, a globalização, acompanhada da recente revolução nas áreas da tecnologia e de comunicação, promovem a diminuição das distâncias geográficas, influenciando de forma decisiva os mercados de trabalho e social, modificando as relações de produção e de conhecimento.

Outrossim, revela-se que é proposital que o mundo e a sociedade atual vivam um período de profundas transformações. Segundo Dal Rosso (1996), novos conceitos vão se desenhando, ressurgindo e sendo adaptados, nascendo assim, uma revolução na Era do Conhecimento.

Noronha (2002, p. 115) aponta com muita veemência o assunto, quando

assim defende que:

(...) num mundo marcado por crise de valores, crise social, crise moral, a sociedade transformou-se em uma sociedade de banco de dados, tamanho é o volume de informações que não instrumentam nem ajudam o indivíduo de um modo natural. O interesse é transformar um dado em uma informação e informação é diferente de educação e é menos que conhecimento. Conhecimento é falar de teoria, de compreensão.

A valorização da educação e do processo de docência ressurgem na expectativa de inovação e na formação de novos sujeitos, norteadores de direitos e de deveres. (FONSECA; BIERHALZ, 2021). A sua leitura precisa, valoriza a compreensão da aplicação do conceito de bons costumes e da boa vivência em grupos, defendendo, sempre, a união entre seus povos.

Por essa via, mostra-se que é por meio da criação de novas estratégias educacionais que os indivíduos traçam diversas formas de aprendizado, com importantes e significativos avanços das suas forças produtivas, que geram uma nova cultura, um novo padrão de comportamento social. (ZANATO *et al.*, 2021).

Registra-se assim, que o normal do processo de integração e socialização entre os indivíduos é, sem sombra de dúvida, a possibilidade de entender seus verdadeiros papéis na mera participação das estruturas sociais.

1.1 A Ciência da Antropologia

A compreensão do processo de reestruturação de uma sociedade, considerando os seus valores, a sua cultura e os seus costumes, exige dos indivíduos, a imediata aplicação de um estudo do quadro macrossociológico das relações de ensino e a estrutura social vigente na sua história. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002). Pois é, somente assim, que podemos interpretá-las, tais mudanças são essenciais para cada corpo social.

Ao estudar a Antropologia, uma ciência da modernidade, construída no passado e coloca no presente, as ferramentas necessárias para que os indivíduos possam compreender como os grupos sociais se formam e vivem de forma harmoniosa, quais são as suas características, seus costumes, seus hábitos, a sua história, algumas, de certo modo, bem peculiares, e por que uma determinada comunidade se desenvolve mais do que as outras. (GUSMÃO, 2008).

Nas lições trazidas por Comas (1966), o estudo da Antropologia está voltado para o conhecimento do homem, ou da sua espécie. Já no sentido *lato*,

segundo o autor, ele abarca a ideia de um ensaio comparativo tanto do processo biológico, como, também das manifestações culturais que envolve tempo, variedade, lugar e condição.

É sábio que o homem, por ser um ser social, vai ao encontro da elaboração de projetos voltados a organização e a sua sobrevivência, assim constrói uma cultura e sociedade baseada no trabalho, dividido entre homens e mulheres, em um complexo hierárquico. (WULF, 2016). Porém, ele não nasce pronto para a convivência em sociedade, precisa de instrumentos viáveis para a sua formação, enquanto sujeito.

É a partir daí, que a educação abarca o desenvolvimento e formação da personalidade, é tida como sendo uma atividade criadora, que atinge os indivíduos em todos os seus aspectos de vida, fornecendo ferramentas indispensáveis para a sua transformação.

Por sua vez, a Antropologia agrega processos inovadores, que consiste na articulação de uma perspectiva geral com uma visão particular de abordagem da natureza humana e na formação de novos sujeitos sociais. (SANTOS *et al.*, 2021).

Segundo Santos; Regert, (2020), a Antropologia visa em seu contexto geral, expor todas as facetas ligadas as características morais do homem, comparando-as entre as suas diferentes origens. Porém, como bem acentua os autores, não podemos esquecer que os indivíduos vivem em grupos e formam as sociedades em seu todo.

Já na visão defendida por Durham (2006), o estudo da Antropologia realça a relação dialética da identificação das suas diferenças culturais, como sendo um elemento para o exame do conceito de humanidade comum. Para tanto, é preciso compreender um fato histórico dentro de uma perspectiva filosófica, a fim de descobrir uma evolução possível da natureza humana. (WULF, 2016).

Assim, mostra-se que o estudo delimitado pela ciência da Antropologia traduz o interesse de compreender com maior ênfase a realidade vivenciada pelos indivíduos, de relevar os códigos, os intervalos culturais e sociais de suas vidas. (HIKIJ, 2006).

Como bem destaca Santos; Regert (2018), ainda que a diferença existente entre os diversos tipos humanos seja muito importante, é também indispensável reconhecer que os indivíduos e as sociedades formam em um conjunto.

1.2 Práticas educacionais

A busca pelo entendimento do sistema educacional brasileiro tem provocado

nos últimos anos, uma série de questionamentos que estimulam a reflexão sobre o gerenciamento dos processos de ensino dentro dos vários campos do conhecimento.

As práticas educacionais são conhecidas como sendo aquelas adotadas, a partir de um conjunto de medidas socialmente estruturadas e operacionalizadas em espaços intersubjetivos, que visa criar oportunidades de ensino e aprendizagem, confeccionadas a partir da relação existente entre seus pares (professor e aluno). (LINO FILHO, 2021).

Rangel (2005, p. 85) salienta que “a dinamização essencial e o essencial da dinamização da sala de aula localizam-se na relação insubstituível entre pessoas que se comunicam e comunicam o conhecimento”. Dessa forma, seja qual for a metodologia a ser utilizada, não prescinde da comunicação e depende dela diretamente para que a aprendizagem se realize.

Vale lembrar que a atividade de ensino e aprendizagem é o elo que torna possível a realização de determinada prática educativa. Por derradeiro, suas ações são valiosas a partir do momento em que há uma boa conexão existente entre eles, com troca de experiências e, acima de tudo, motivação para o processo de aprendizado, com vistas ao pleno desenvolvimento das potencialidades dos alunos. (CLEMENT *et al.*, 2015).

É por isso que, ao tratarmos do processo educação, vale lembrar a sua importância frente ao papel que desempenha na sociedade, pois, ao promover transformações, sejam elas sociais, econômicas ou culturais, elas transcendem o crescimento da humanidade. Na visão de Drucker (2001), na atual sociedade, a escola passa a ser, acima de tudo, responsável por desempenho e resultados. Para tanto, lhe são atribuídas novas especificações. Para o autor, há evidências claras que ela proporciona instruções universais que sustentam um certo grau de excelência, que se configura-se conhecimento.

Como bem pondera Penin e Vieira (2002), o processo escolar representa uma instituição que a humanidade desenvolveu com o objetivo de socializar o saber sistematizado. É por isso que ela tem a função de ensinar aos alunos o conhecimento desenvolvido pela sociedade ao longo de sua evolução.

É por conta dessa realidade que muitos estudiosos verificam que à medida que se vai compreendendo os problemas educacionais que persistem no cenário nacional, é possível construir o caminho para a mudança na educação. A docência perfaz o caminho da aplicação de métodos de planejamento, gestão, inovação e avaliação a fim de proporcionar uma maior eficiência no processo de ensino e aprendizagem.

Ademais, a educação agrega conhecimento e reflexão da realidade, conhecimento e reflexão teórica, sendo necessária a modificação desses, de modo a

proporcionar a direção do exercício pedagógico que realize a intencionalidade educativa/formativa.

1.3 Docência do ensino de antropologia: um novo olhar sobre as práticas educacionais

A busca pelo entendimento do sistema educacional brasileiro tem açulado nos últimos anos, uma série de questões que abarcam uma análise sobre a supervisão e aplicação dos métodos alinhados aos processos de ensino e aprendizagem dentro de vários campos do conhecimento.

Isto porque, na visão de muitos doutrinadores, há uma clara necessidade de atualização dos sistemas curriculares a fim de suportar a realidade vivenciada por seus educandos. A aplicação de novos projetos educativos corrobora-se a tese de progresso, de visão sistêmica que devem ser mais bem-vistos em seus realces do que se observa no momento, a fim de harmonizar maior qualidade a educação nas instituições de ensino.

Ao tratarmos da docência do ensino de Antropologia nas atuais práticas educativas, é primordial haver uma união entre o processo investigativo e o didático. A construção do saber denota-se em um amaranhado de estudos, conhecimento e de experiências vivenciadas no dia a dia de cada indivíduo. (SANTOS *et al.*, 2021).

O que se evidencia ainda hoje, no processo educativo, é a construção de programas pedagógicos que se limitam apenas no andamento de ações voltadas a formação dos educandos, sem uma base profissional. Para isso, suas experiências são elementos norteadores do conhecimento. (LOPES, 2009). Por conseguinte, o trabalho do pesquisador versa, necessariamente, em buscar soluções para os mais variados tipos de problemas.

Assim, nas palavras deferidas por Marques (2000), há uma clara convicção generalizada de que o nível e qualidade da educação estão diretamente relacionadas à capacidade dos seus educadores.

Para o autor, é preciso construir uma base sólida, com programas e projetos voltados a capacitação dos professores, a fim de dar suporte essencial para a construção de programas e projetos eficientes para o processo de ensino e aprendizagem com educandos. Por outro lado, os educandos precisam ser incentivados a construir suas bases sólidas, com bons projetos de pesquisas, análises precisas em seus estudos, estarem em constantes processo da busca de saber.

Para Santos; Regert, (2020), o conhecimento dos indivíduos está diretamente relacionado a educação, a formação da personalidade e a socialização. Por isso, na visão do autor, é preciso realizar processos educativos diários, norteadores de conhecimento. Praticar a educação com o ser humano, como sujeito social, é impossível sem conhecê-lo, sem que estudos antropológicos sejam efetuados. É por isso que, a Antropologia visa a educar o homem e toda a espécie humana. (GUSMÃO, 2008).

A docência na atualidade visa a construção de projetos sólidos em detrimento do conhecimento. Perfaz, nessa análise, um conjunto de projetos pedagógicos, elementares que satisfazem e comportam a realidade vivenciada pelos alunos. A comunicação é frequentemente bidirecional entre os sujeitos e com as instituições, garantindo, com isso, uma aprendizagem dinâmica inovadora. (LOPES, 2009).

Assim, a relação entre a antropologia e a teoria da educação é contingente, muitas são as possibilidades para determinar o nexo entre as duas e para realizar uma de suas possibilidades, depois de se fazer uma escolha (SANTOS; REGERT, 2020).

O processo educacional, em especial, no âmbito dos estudos no campo científico voltados a disciplina da Antropologia, carece de práticas investigativas para de consolidar as suas teses na sociedade. (GUSMÃO, 2008). É por esse caminho que defende Praça (2015), ao apontar que o reconhecimento das pesquisas científicas está relacionado à produção de trabalhos que demonstrem um grande domínio das metodologias utilizadas para a construção do conhecimento.

Na visão do autor, cada seguimento da ciência carrega em si uma epistemologia, que se manifesta em suas formas de interpretar o mundo, na linguagem desenvolvida para a definição de seus fenômenos e nas diferentes técnicas de investigação e transformação da realidade. Ainda, esclarece que, elas se formam em diferentes especialidades, que se definem, não apenas pela constituição de um objeto de estudo particular, mas por suas formas de pensá-lo e torná-lo inteligível.

O ensino voltado a Antropologia, em especial, no atual cenário mundial, tendo em vista a crescente aceleração da troca de saberes em fase da globalização, perfaz uma expectativa de valorização e projetos sustentáveis de maior agilidade, eficiências sem seus resultados.

Ademais, com a aplicação de tecnologias eficientes e modelos de projetos pedagógicos inclusivos, que norteiam sempre a busca do conhecimento, é

possível alcançar a capacitação para o trabalho e a superação do nível cultural de cada aluno. (POTTMEIER *et al.*, 2019).

Essa trajetória é bem acentuada por Santos; Regert, (2020) quando defende que a relação entre a antropologia e a educação é considerada como contingente, essa relação exige minuciosa e cautelosa investigação, estando aberta e variável, com posicionamento a cada nova situação.

É bem verdade que, nos últimos tempos, se identifica riscos inerentes a troca de informações, dados e conhecimentos entre pessoas e organizações, um problema de ordem global decorrente das falhas dos sistemas de armazenamento, se tornam uma questão social, a questão está em constante movimento e renovação. (SANTOS *et al.*, 2022).

Outrossim, mostra-se é preciso ampliar tempos e espaços, para que novas formas de organização concedam as ciências e aos pesquisadores oportunidade de ampliar a revisão ética de conceitos e de categorias de análise, tanto no âmbito da natureza, como da sociedade. (SANTOS *et al.*, 2022).

Moore (1996, p. 7), discorre sobre o tema Antropologia que se configura com estudos nas realidades sociais, da seguinte forma:

A ideia de que o mundo pode ser visto como um pequeno viveiro ligado pela abrangente força da mídia e do capitalismo internacional é o pano de fundo que serve de base para o empenho de muitos intelectuais, à atividade comercial, e as diretrizes de governo na atualidade. Uma das coisas que a tecnologia realmente revoluciona é a escala, ou são as escalas, em que operam as relações sociais.

Não obstante, mostra-se que a docência delimitada nas práticas da Antropologia configura um processo viável e norteador para conhecermos de perto todo o cenário de cada sociedade. Suas práticas, configuram-se em experiências exitosas, através de processos investigativos que certificam suas teorias. (PRATES; ARAÚJO, 2021).

Do mesmo modo, a ideologia da globalização se torna uma forma de pensamento difuso, ou seja, encontra-se projetada no senso comum, pelo fato de se alimentar de processos investigativos reais. (LIMA *et al.*, 2015). Tal percepção é difundida pelas práticas efetuadas na Antropologia.

Verifica-se para tanto, que no processo da Globalização, é indiscutível, que ela se manifeste em diferentes campos que amparam e compõem a sociedade, inclusive nos processos de transformações das pesquisas científicas e suas influências na vida de cada cidadão. (SANTOS *et al.*, 2022).

Porém, ainda é possível observar que ao abraçar uma significação de globalização que abaliza um objetivo de independência nas sociedades, é possível criar teorias que codificam esse processo como uma forma de conquista entre as comunidades, tornando a ciência um processo de ideias que se movem em múltiplas direções. (BASQUEROTE, 2022).

E no âmbito da Antropologia, essa realidade já é certificada em suas docências praticadas diariamente na atual conjuntura da educação. Ainda precisamos melhorar muito os programas de pesquisas educacionais, porém, observa-se que há uma crescente inclinação para a conscientização da população no seu progresso, com investimentos pecuniários e didáticos em suas práticas diárias educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse presente artigo se pretendeu apresentar um panorama sobre o sistema educacional na atual sociedade, em especial, sobre as práticas de docência na Antropologia. Os temas abordados aqui foram construídos através de pesquisas bibliográficas, com autores renomados e com assuntos atuais, construídos na atual conjuntura da nossa sociedade.

Sabemos, que em um período de grande integração e Globalização entre as nações e da forte implementação no setor de tecnologia nas mais diversas áreas, inclusive, com grande ênfase na área educacional, fomenta-se um novo pensar educacional.

A Antropologia, por lidar com processos de investigações sociais, culturais é fortemente agraciada com a nova tendência educacional e global, aliada a magnitude que a informatização apresenta na área educacional, projetando recursos necessários para maior ênfase em pesquisas e na troca de experiências com outros indivíduos, organizações, nações e outras ciências.

A Educação, no atual cenário, vem desenvolvendo novas linhas de estudos, fomentando inúmeros trabalhos gratiosos e de grande alcance, como é o caso da Antropologia, que vem se destacando no cenário mundial com projeção de uma linha investigativa única e precisa do cenário mundial.

É preciso amadurar a nação, conhecer os indivíduos, e acima de tudo, seus hábitos, culturas e suas vivências diárias. O crescimento e o aceleração das práticas fomentadas pela educação, caracteriza-se como um valioso produto de novas práticas pedagógicas.

A educação está fortemente influenciada pelo processo da globalização,

apresentando efeitos diários e diretos na vida dos cidadãos e, também nas unidades de ensino presenciais e virtuais, fazendo com que as escolas se abram para novos caminhos, inúmeros debates e discussão de temas vivenciados em suas práticas.

A Antropologia, por contemplar a análise das peculiaridades sociais e culturais criadas nas práticas pelos indivíduos, estuda com maior ênfase a sociedade onde ele está inserido, reformulando teses e percepções sobre o modo que vivenciamos em grupos.

Neste norte, mostra-se, portanto, que o desafio da docência na Antropologia é cada vez mais debater assuntos de interesses dos alunos, a ponto de trazer uma conversa agradável e viável da vida e da profissão de seus educandos em um mundo sustentável.

REFERÊNCIAS

BASQUEROTE, A. T. (org.). **Ciências humanas: desafios metodológicos resultados empíricos**. São Paulo: Ed. Atena, 2022.

CLEMENT, L.; CUSTÓDIO, J. F.; ALVES FILHO, J. P. Potencialidades do ensino por investigação para promoção da motivação autônoma na educação científica. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v. 8, n. 1, p. 101-129, 2015.

COMAS, J. **Manual de Antropología Física**. México: Universidad Autónoma de México, 1966. p. 209-213. Disponível em: http://www.revistas.unam.mx/index.php/antropologia/article/view/17468/pdf_371. Acesso em: 25 maio 2022.

CONFORTO, E.; SILVA, S. L. Roteiro para revisão bibliográfica sistemática: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO DE DESENVOLVIMENTO DE PRODUTO – CBGDP, 8., 12 a 14 set. 2011. Porto Alegre. **Anais [...]**, p. - 12. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/267380020_Roteiro_para_Revisao_Bibliografica_Sistematica_Aplicacao_no_Desenvolvimento_de_Produtos_e_Gerenciamento_de_Projetos. Acesso em: 8 jan. 2022.

CUNHA, B. P.; AUGUSTIN, S. (org.). **Sustentabilidade ambiental: estudos jurídicos e sociais**. Caxias do Sul: EducS, 2014.

CUNHA JUNIOR, E. P. Desafios linguísticos no ensino escolar e superior de surdos paulistanos em tempo de coronavírus. *In*: LIBERALLI, F. C.; FUGA, V. P.; DIEGUES, U. C. C.; CARVALHO, M. P. (org.). **Educação em tempos de pandemia: brincando com um mundo possível**. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 41-54.

DAL ROSSO, S. **A jornada de trabalho na sociedade: o castigo de Prometeu**. São

Paulo: LTr, 1996. DRUCKER, P. F. **O melhor de Peter Drucker**. São Paulo: Nobel, 001.

DURHAM, E. R. A relevância da Antropologia. *In*: ECKERT, C.;GODOI, E. P. **Homenagens. Associação Brasileira de Antropologia 50 anos**. Florianópolis: Nova Letra, 2006. p. 85-94

FERRAZ, C. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em rede *on-line*. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, v. 1, n. 35, p. 46-69, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/44648/pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.

FONSECA, E. M.; BIERHALZ, C. D. K. Práticas pedagógicas do Pibid ciências da natureza: mapeando tendências. **Revista de Iniciação à Docência**, v. 6, n. 2, p. 9-105, 2021.

GUSMÃO, N. M. M. Antropologia, estudos culturais e educação: desafios da modernidade. **Pro-posições**, v. 19, p. 47-82, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/gf5Sxt3S7FqFpDt8RTfZKTM/?lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2022.

HABOWSKY, A. C.; CONTE, E. O ócio criativo e suas perspectivas na educação. **Linhas Críticas**, v. 26, p. 7-17, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1935/193567257033/html/>. Acesso em: 25 maio 2022.

HIKIJ, R. S. G. Música para matar o tempo intervalo, suspensão e imersão. **Mana**, v. 12, p. 151-178, 2006.

LIMA, Marcos Costa. Globalização. *In*: DI GIOVANNI, G.; NOGUEIRA, M. A. (org.). **Dicionário de políticas públicas**. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2015. p. 413-417.

LINO FILHO, A. **Uma análise acerca de diferentes práticas educacionais e suas influências navida dos recém graduados na licenciatura em matemática**. 2021. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Matemática) – Centro Acadêmico do Agreste, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/42603/6/ATANAEL%20LINO%20FILHO%20-%20TCC.pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.

LOPES, J. R. Antropologia, educação e condicionamentos culturais: pensando as mediações no processo de socialização escolar. **Educar em Revista**, n. 3, p. 171-188, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/7kZQjyykdp4F5kLzVG864yd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2022.

LOTTA, G. **Teoria e análises sobre implantação de políticas públicas no Brasil**. Brasília: Enap, 2019.

MARQUES, M. O. **Formação do profissional da educação**. Ijuí: Unijuí, 2000.

MAZZONETO, C. V.; COCCO, R.; KOHLS, C.; SILVEIRA, S. R. (org.).

Fundamentos filosóficos e sociológicos da educação. Santa Maria: UFSM, 2017.

MIRA, A. L.; MIRANDA, D. T. S.; SÁ, E. V. B. BARRETO, P. A. S. Políticas Públicas para Formação Continuada docente: revisão de literatura. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo**, v. 3, n. 1, p. e316367, 2021.

MOORE, H. T. *The changing nature of anthropological knowledge.* In: MOORE, H. L. (ed.). **The future of anthropological knowledge.** Londres: Routledge, 1996. c. 1, p. 1-15.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de *Pierre Bourdieu*: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 78, p. 15-36, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wVTm9chcTXY5y7mFRqRjX7m/?lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2022.

NORONHA, O. M. **Políticas neoliberais, conhecimento e educação.** Campinas, SP: Alínea, 2002.

PAUTASSO, D.; FERNANDES, M. P. Soberania ou “globalização”? Reflexões sobre um aparente antagonismo. **Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, v. 6, n. 11, p.221-240, 2017.

PENIN, S. T. S.; VIEIRA, S. L. Refletindo sobre a função social da escola. In: VIEIRA, S. L. (org.). **Gestão da escola: desafios a enfrentar.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

POTTMEIER, S.; GUILHERME, L. H. S.; FISTAROL, C. F. S.. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v.21, n. 1, p. 182-186, 2019.

PRAÇA, F. S. G. Metodologia da pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. **Revista Eletrônica “Diálogos Acadêmicos”**, n. 1, p. 72-87, jun./jul. 2015. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf. Acesso em: 18 nov. 2021.

PRATES, G. N.; ARAÚJO, M. S. Antropologia no currículo de Sociologia do Ensino Médio: conclusões a partir da iniciação à docência. **Perspectiva Sociológica: A Revista de Professores de Sociologia**, n. 28, p. 40-56, 2021.

RANGEL, M. **Métodos de ensino para a aprendizagem e a dinamização das aulas.** Campinas:Papirus, 2005.

SANTOS, A. M.; REGERT, R. Antropologia da educação: a consolidação de uma subárea epistemológica. In: MONTEIRO, A. A. S. (org.). **A educação no Brasil e no mundo: avanços limites e contradições 3.** Ponta Grossa: Atena Editora, 2020. p. 287-298. Disponível em:<https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/artigoPDF/30693>. Acesso em: 3abril 2022.

SANTOS, A. M.; TWARDOWSKI, R. M.; CAETANO, A. A. S.; LEFFTER, D. M.; ESCHER, A. A.

Introdução ao ensino de Antropologia. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 7, p. 70529-70540, 2021.

SANTOS, A. M.; MENDES, D.; FREIBERGER, R. L. Capitalismo, globalização e interações com a pesquisa científica. **Conjecturas**, v. 22, n. 2, p. 1089-1107, 2022.

WULF, C. Antropologia: um desafio para a educação e o desenvolvimento humano. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 97, p. 241-254, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/3pStfWNRtCqQcNQkvmBbxCk/?lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2022.

ZANATO, A. R.; STRIEDER, D. M.; CAMPOS, T. A. Estudo qualitativo para discutir como tecnologias de informação e comunicação se relacionam com formação docente. **Revista Brasileira de Educação em Ciências e Educação Matemática**, v. 5, n. 3, p. 489-501. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/rebecem/article/view/28511>. Acesso em: 25 maio 2022.